

## TEXTOS CRÍTICOS

### **Tres Ranchos: más allá del fin del mundo**

Por **Etel Reis**

Doctora en Bellas Artes por la UB

Comisaria de la exposición

Tres Ranchos es una ciudad del centro-oeste de Brasil. Tiene alrededor de 3mil/hab. La ciudad cercana más importante se llama “Catalão”. Casualidades de la vida, por allí nació mi padre. Tengo un vínculo especial con esta ciudad porque en mi infancia era uno de los pocos lugares que íbamos de vacaciones con mis padres. Muchos familiares paternos siguen viviendo allí. Mi gran sorpresa fue descubrir que la hija de un primo, que no vive allí, se llamaba como mi madre, era fotógrafa, y realizaba un trabajo artístico sobre esta ciudad. Gracias a estas coincidencias, ahora ella expone el resultado de este trabajo aquí en “Catalunya”. Tres Ranchos de Maria Vaz es otro lugar en el espacio/tiempo. Más allá del fin del mundo, de una canción ranchera, de una ciudad invisible.

Es donde “las casas resisten junto a las memorias de otro tiempo, cuando los días pasan sin que se les noten las horas”. Este tiempo que luego se disuelve transformándose en recuerdos. Es donde “el señor Elói, por medio de otro hombre a caballo, mandó buscar noticias del calendario, pues el pobre de su padre no sabía si estaba rezando la misa de los domingos o de otro día cualquiera”. Una realidad paralela a la imaginada Macondo de García Márquez. Es donde “los archivos coleccionados a lo largo de los años son ordenados y sobrepuestos por una poética, sin preocupación con la Historia del lugar, y sí atravesar afectos, construir memorias”. Cruzar puentes, océanos, calando almas ajenas o gemelas. Es donde “en la estación que paraba el tren, hace muchos años que ya no va, ni viene nadie, ni gente, ni tren”. Solo recuerdos de que por allí vivieron los abuelos, Candido, Eunice, Eduardo, Teresa; y el gran árbol ancestral, “Gameleira”. Este aún resiste.

Tres Ranchos es este lugar en el imaginario de Maria, que también hace parte del mío. Son las fachadas del lugar, de nuestra familia, “de estas mujeres extrañamente gigantes”, que explica ella, “co-paridas por madres y árboles”. Paisajes de historias, seres y memorias que circulan por nuestro inconsciente colectivo.

Tres Ranchos es el tema de la exposición del quinto año consecutivo, que el CC La Bòbila realiza en homenaje al Día de la Independencia de Brasil,

comisariado por una servidora. Este año es el homenaje que hacemos, Maria y yo, a nuestros ancestros. Que disfrutéis de este romance imagético.

\* Texto basado en el “Romance/folhetim de Três Ranchos” de Maria Vaz, 2018.

## **Três Ranchos**

Por **José Luiz Vaz**

Em seus tempos mais remotos, a Terra inventou diamantes. Depois, ainda nas indigestões do planeta, surgiram a serra e o rio, a topografia marcante do lugar. Passados bilhões de anos, homens e mulheres atravessaram o rio, acamparam sob a serra. Construíram ranchos, Três Ranchos, onde se recolheram, amantes, para tecerem os próprios segredos ancestrais. Vidas e diamantes, gerações sucessivamente recordadas, os nossos ontens, quando longes, saudades. Histórias recontadas, revividas, ressignificadas? É o que faz Maria Vaz em Três Ranchos.

Exposição **Quando o tempo dura uma tonelada** | Duo Paisagens Móveis - Bárbara Lissa e Maria Vaz

Por **Rachel Cecília de Oliveira**

No dia 25 de janeiro de 2019 aconteceu o maior “acidente” de trabalho do Brasil, o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão controlada pela mineradora Vale S.A., na cidade de Brumadinho, Minas Gerais, causando a morte de pelo menos 270 pessoas e o derramamento de mais de 10 milhões de metros cúbicos de rejeitos, que deixaram um rastro de destruição ambiental. Em 2021, pouco mais de dois anos depois, Bárbara Lissa e Maria Vaz fotografaram as ruínas do desastre, aquilo que ainda resta, na tentativa de torná-lo imaginável.

A questão sobre “o que resta” exigiu buscar as marcas visíveis e invisíveis de uma avalanche que arrastou coisas, animais, edificações e seres humanos por quilômetros, e que passa por um rápido processo de encobrimento dos cerca de 2,9 milhões de metros quadrados de lama, principalmente por meio do uso de plantas e do isolamento de regiões. *Quando o tempo dura uma tonelada* mostra a contradição entre a necessidade da movimentação contínua do minério para manutenção da produção e um pano de fundo em que os restos lembram que o lugar não é mais o mesmo. O modo de construção das

imagens da exposição sobrepõe camadas e cria sequências enfatizando esse contraste e o esquecimento que parece se materializar no local. Essa contradição também é explorada trazendo à tona duas diferentes temporalidades, o tempo quase parado dos restos do desastre e o tempo da empresa, presente a qualquer hora do dia ou da noite por meio do ruído do atrito das rodas dos vagões com o trilho do trem e de seu apito. O contraste incomoda, transforma a paisagem que espera por reparações, ao lembrar que não há tempo a perder, pois a atividade minerária é sempre mais importante e continua em ritmo acelerado, não importa o que aconteça.

O trabalho também investigou essa mudança na paisagem por meio da presença dos componentes químicos que ainda contaminam o local, dos metais pesados presentes no rio Paraopeba e da fina poeira tóxica de minério que paira no ar. Com intuito de incorporar materialmente o ocorrido, as fotografias foram reveladas agregando a poeira do minério e a água local – que permanece contaminada pela lama – aos químicos reveladores, imprimindo a própria paisagem nas fotografias. O trabalho buscou o que havia (e ainda há) para ser visto e sentido ali, os vestígios que teimam em aparecer, a despeito dos esforços para o seu apagamento. O que faz desta exposição um convite para imaginar o inimaginável e transformar esses restos em memória coletiva do que não pode ser esquecido.

## **Um rio transborda**

Livro **Três Momentos de um Rio** | Duo Paisagens Móveis - Bárbara Lissa e Maria Vaz

Por **Carlos Falci**

Um rio transborda. Se faz enchente, mas é apenas lamento. É o choro de não poder correr livre, de se ver confinado a atravessar veloz e invisível os caminhos da cidade, de uma qualquer cidade. Como se essas águas não pudessem habitar a terra, e tivessem que passar rapidamente por entre todas as gentes, todos os bichos, todas as árvores. Um rio, assim, não existe.

Em **Três momentos de um rio**, devagar o rio habita, se faz presente, surge entre os olhares de quem o canalizou, aparece no meio das avenidas, mostra seus traços e rastros dentro de uma cidade que não o reconhece mais. Suas águas aparecem nos jornais, brincam com as chuvas, doem por debaixo das ruas num murmúrio quase surdo, que de quando em quando ensurdece. Um rio, assim, insiste.

Um rio transborda no trabalho do **Duo Paisagens Móveis**. Em cada imagem ele corrompe margens artificiais, irrompe nas páginas devagar, como se nos dissesse: onde houver espaço para ser rio, me farei. Assim, Bárbara Lissa e

Maria Vaz, Maria Vaz e Bárbara Lissa nos convidam a escutar, com o olhar, os diversos rios que escoam dentro do Arrudas. Seja pelas cores azuis em meio ao preto e branco urbano, seja na apropriação de imagens de arquivo, o rio se mistura novamente ao espaço que procura asfixiá-lo. Um rio, assim, resiste. Um rio é um rastro, um traço, tessitura da água no seio do mundo. Faz caminhos, conta segredos, guarda desejos, carrega memórias. Rio desenha na pedra, desenha na pele, desenha no ventre da terra seu jeito sinuoso de molhar. Como as autoras mesmo dizem, numa “conversa” com Mia Couto, *O rio costura o destino dos viventes*. Um rio corre às vezes devagar, às vezes intempestivo. Se perguntado por onde gostaria de ir, um rio escolheria veredas sinuosas. E então, do alto da serra, não seria cachoeira, mas faria volteios ao longo de múltiplos caminhos, para durar um dia mais antes de se espalhar no oceano. Cada imagem trabalhada no livro é para ser olhada assim, sem pressa, procurando uma vez mais ainda algo que se esconde no reflexo, num canto, ou debaixo de uma pedra. Um rio, assim, demora.

Um rio se faz companheiro. De um barco, de um menino, de um homem achado na beira de suas margens.

Um rio é cada gota, cada córrego, cada riacho que encontra na travessia. Um rio escoo o azul. Um rio, assim, agora.